

CAPÍTULO 24

Possibilidades inventivas e fissuras: uma análise sobre o processo de subjetivação de jovens que se encontram sob medidas socioeducativas a partir de filmes-cartas

*Carolina Ary
Grace Troccoli*

Este texto se refere a uma pesquisa de abordagem qualitativa, cujos procedimentos usados foram análises bibliográfica, documental e de conteúdo. Os documentos e os conteúdos analisados caracterizam-se como “filmes-cartas”. A pesquisadora Rúbia Medeiros (2012) compreende o gênero como algo que se origina do ensaio literário e, a partir disso, ganha forma no documentário. No que diz respeito ao conceito de documentário, o autor Bill Nichols (2020) sugere que se configura, entre outras características, como um gênero filmico que lança mão de um cinema com implicações sociais e visão pessoal, geralmente produzido com registros de imagens de pessoas e acontecimentos que pertencem ao mundo que vivemos. Assim, tratam de pessoas reais que representam e apresentam a si mesmas “em histórias que transmitem uma proposta, ou ponto de vista, plausível sobre as vidas, as situações e os acontecimentos representados” (Nichols, 2020, p. 37).

Com Medeiros (2012), compreendemos que o ensaio traduz-se em uma escrita pessoal e subjetiva, com delineamentos fluidos, paradoxais e não lineares. Nos filmes, esse estilo vincula-se com as formas narrativas do “eu”, em que o sujeito-realizador discorre sobre questões íntimas e/ou do cotidiano, podendo se propor “a discutir um tema que parte de proposições pessoais, mas que, ao mesmo tempo, dialoga com questões e experiências que estão no mundo” (Medeiros, 2012, p. 36).

Os filmes-cartas investigados neste estudo foram realizados como parte de oficinas audiovisuais do Projeto Cartas ao Mundão por adolescentes que cumprem medidas em Centros Socioeducativos ou de Internação Provisória em Recife (PE), e estão disponíveis no canal do projeto no YouTube. São eles: 1. *Viajei num navio coberto de grades à procura de uma ilha chamada Liberdade*; 2. *De: Case Pacas Para: meninas de Santa Luzia*; 3. *Só um alô pro mundão*; 4. *Um filme-carta pras nossas mães*.

Nos filmes, os/as adolescentes aparecem com os rostos embaçados e “mandam mensagens para o mundão”. As mensagens são mandadas por meio de raps ou de depoimentos em que falam sobre si e sobre o mundo, expressando também desejos e dividindo algumas experiências pessoais, além de mandar recados, especialmente, para familiares.

As imagens se revezam entre cenas do cotidiano dos jovens, imagens dos centros socioeducativos ou das escolas anexas, fotografias deles e de partes do corpo que os identificam, como cabelo e tatuagens, além de imagens em que aparecem dançando ou lutando capoeira, mostrando o corpo em movimento. Também, são observadas muitas imagens de grades em contraposição com o céu, que, junto com a música e suas falas, provocam reflexões sobre o desejo de liberdade desses jovens.

“Essa é a revolta dos heróis da favela”

Antes de aprofundar algumas análises e compreender como o projeto em questão se estruturou, convém sublinhar que a literatura científica indica que os jovens que participam de unidades socioeducativas representam uma parcela da população que historicamente tem sido alvo de discriminação e opressão por meio do engendramento do poder do Estado, que objetiva controlar a juventude pobre e majoritariamente negra, estigmatizando-a e criminalizando-a. Não obstante, Barros e colaboradores (2016, p. 117) sinalizam que estes dispositivos “de controle social são cada vez mais invasivos e minuciosos, ampliando os tentáculos punitivo-penais às mais diversificadas conflitividades cotidianas, quer seja na comunidade, na escola ou na família”.

Observou-se, ainda, nos últimos anos, um processo de intensificação da criminalização de adolescentes e jovens no Brasil, um país cuja problemática envolvendo

esse grupo passa pela moralização e pela individualização da violência, um agravamento “de uma lógica penal punitiva e pela atualização dos dispositivos de ‘delinquência juvenil’ e do encarceramento das populações pobres” (Barros *et al.* 2016, p. 117). Segundo site da Defensoria do Estado do Espírito Santo (2022), em 2018, havia 25.084 adolescentes internados em unidades socioeducativas no Brasil. Felizmente esse número sofreu uma redução de 45,4%, passando para 13.884 em 2021. Ainda assim, esses números sugerem o grande desafio a ser enfrentado por toda a sociedade, em especial pelo Estado e pelas políticas públicas destinadas à juventude periférica.

A respeito disso, parece haver uma “grande dificuldade de considerar efetivamente os jovens como sujeitos” (Abramo, 1997, p. 28). Por vezes, são considerados como “problema social”. Diógenes (2020, p. 39) sugere que as juventudes habitam lugares e práticas que, ocasionalmente, nem constituem “destaque na agenda das políticas públicas” e, de maneira contraditória, aparecem nas “manchetes de teor negativo nos meios de comunicação de massa”. Diante disso, observa-se um silenciamento sobre o que a juventude impulsiona e produz, especialmente “a que reside em bairros de periferia” (Diógenes, 2020, p. 39).

Ao invés de terem seus direitos fundamentais garantidos, “como o acesso às instituições de saúde, educação e parte significativa do legado artístico-cultural produzido pelo conjunto social” (Imbrizi *et al.*; 2020, p. 10), os jovens que vivem em territórios periféricos e vulnerabilizados acabam por ser expostos a diversos níveis de violência. Por meio disso, efetuam-se “relações de exclusão social e desigualdade socioeconômica, bem como a reprodução de condições de destituição subjetiva a que é exposta essa população” (Imbrizi *et al.*, 2020, p. 10).

Assim, nos filmes, a composição da *misc-en-scène*, com grades e cercas elétricas, mais as músicas cantadas, a exemplo de “Essa é a revolta dos heróis da favela”, do Mc Daleste, parecem extrapolar a realidade dos centros e transparecer as condições de exclusão social que os artifícios de poder criam para a juventude residente na periferia, que acaba por enfrentar diferentes níveis de violência, junto a um desamparo social e, por vezes, familiar. Esse cenário problemático vai se refletir nos próprios corpos e nas subjetividades desses sujeitos, questões que abordaremos melhor adiante.

No filme *De case pacas para meninas de Santa Luzia* (2017), por meio do rap autoral escrito por um dos jovens, denominado nos créditos como E.I., eles se comunicam com as garotas do Case Santa Luzia e com suas famílias, e fazem um desabafo:

Especialmente para Santa Luzia, se liga quem tá fechado. Justiça e Liberdade para quem se encontra trancado. Abraço pra minha família que reza sempre por mim, mas eu tenho fé em Deus, que um dia eu vou sair. Eu estou numa prisão sem saber

o que fazer, só vivendo o dia a dia e cantando o proceder. Estava na minha cela, só pensando no mundão. O juiz me condenou, 3 anos no fechadão. Passei por rebelião, a cadeia, o pipoco. Não tente nada irmão, se tentar, cenário louco. Passei por dificuldades, mas um dia eu conquistei. Se você brincar demais, pode chegar sua vez.

Com Oliveira (2019), é possível ampliar a compreensão a respeito da potência de escrever e “mandar” um rap:

O objetivo maior do rap é construir, em conjunto com a comunidade periférica, um caminho de sobrevivência para todos os irmãos, bandidos inclusos, por meio da palavra armada. Mais que isso, o rap reconhece que apenas assumindo toda a complexa implicação desse lugar de marginalidade será possível para a periferia construir espaços emancipatórios (Oliveira, 2019, p. 36).

Ademais, segundo Butler,

O movimento de imagem ou de texto, para fora do confinamento representam uma espécie de “evasão”, de modo que, embora nem a imagem nem a poesia possam libertar ninguém da prisão, nem interromper um bombardeio, nem, de maneira nenhuma, reverter o curso da guerra podem, contudo, oferecer as condições necessárias para libertar-se da aceitação cotidiana da guerra e para provocar um horror e uma indignação mais generalizados, que apoiem e estimulem o clamor por justiça e pelo fim da violência (Butler, 2019, p. 26-27).

Os filmes, então, apresentam-se como potência, como uma possibilidade de olhar para a realidade vivenciada e denunciá-la, possibilitando, assim, liberar um pouco a vida, o corpo, de seu sufoco; é uma maneira de criar e fortalecer micropolíticas e gerar novos enquadramentos para esses sujeitos. Diante de uma sociedade que deposita sobre os jovens todos seus dilemas e dificuldades, não dando margem para que eles apareçam, movimentos como esse se apresentam como uma forma de se expressarem, saindo da invisibilidade (Abramo, 1997).

Destaca-se, também, nos filmes, o corpo dançante dos jovens que, acompanhando a vibração das canções, parece mais uma forma de liberar tensões e de expressão. É válido atentar-se para a letra da música escolhida, que está tocando enquanto eles dançam, no filme *Viajei num navio coberto de grades à procura de uma ilha chamada Liberdade* (2017):

[...] Esse é o poder dos corações de aço [...] União entre todos os irmãos, me expressei tranquilo na vibe do som, Porque a pressa é inimiga da perfeição, Mesmo assim, Nós leva a vida

com o sorriso na cara, Sonhando acordado e sair do raio, E voltar pra casa, Passatempo tá tirando, O tempo é que não passa. Mó tempo que eu tô trancado aqui dentro, E o tempo para, Reabilitação não é essa a verdade, O homem que inventou as grades Não sabe o que é saúde [...].

No caso das meninas, em *Só um alô pro mundão* (2017), elas cantam juntas a música de Mc Leozinho, “Cenário louco”:

Sobrevivendo no inferno dentro de uma cela, Pagando só veneno, com saudades da favela, Na rádio toca uma canção ideal pro momento, [...] tento esquecer que estou no sofrimento, Ciente que não posso desanimar, Sou verdadeiro e Jesus comigo vai caminhar, Na madrugada o clima tenso e o morro ta grosso [...] Cenário Louco [...].

Frases como “é tudo nosso” ou “as mina da casa é tudo junta e misturada, sem miséria”, também compõem essa cena de união e ressonância. Na acepção de Rolnik (2019), movimentos entre pessoas que acontecem no âmbito micropolítico geram ressonâncias entre os corpos e as subjetividades, atualizando movimentos de resistência. À luz da autora, compreende-se que essas canções são, por exemplo, uma maneira de dar corpo a algo que já estava em outros corpos, constituindo uma experiência transindividual. A construção desse campo comum, a partir desse compartilhamento de experiências, abre brechas para que a germinação de novas possibilidades de vida se complete.

“Quero ser alguém”

Em *Só um alô pro mundão* (2017), as meninas se apresentam e dão depoimentos sobre suas vidas. Contam algumas dificuldades que tinham antes de entrar na Funase, com estudos ou com drogas, e expressam sonhos e desejos. O gosto pelo estudo, bem como o desejo de construir uma nova vida e realizar sonhos, aparecem em destaque. A vontade de seguir carreiras de médica, advogada, juíza, professora, entre outras, destaca-se nos discursos. Algumas delas falam que gostam de estudar sobre os direitos das pessoas, e uma das meninas diz que quer ser juíza para dar uma segunda chance a todos os encarcerados que estão cumprindo medidas socioeducativas.

A saudade da família e o desejo de dar orgulho a ela são frases que se repetem, uma vez que algumas julgam ter dado muito desgosto. Uma das meninas conta que quer mudar o passado e ser uma pessoa melhor, uma das razões é ter perdido uma irmã, de quem diz sentir muita falta: “hoje só tenho uma irmã, quero dar muito amor e orgulho a ela”.

Elas também mandam recados do tipo: "você que está em medidas socioeducativas não desista dos seus sonhos, porque você vai chegar onde você quer. Seja mais você!", ou: "meninas que tão presas, não pensem em desistir. A gente tá atrás do muro, mas não podemos esquecer que temos uma vida e um futuro pela frente". Nesse sentido, elas estão "buscando ser alguém", como uma delas coloca.

Em uma pesquisa realizada com as garotas do Case supracitado, Pipano (2018, p. 112) tece a seguinte explicação:

Mundão é como elas se referem ao lado de fora do presídio. O mundão é o lugar de tensão e risco. Do conflito, do dissenso. Dos baculejos, dos trampos, das tretas, mas também da diversão, dos amigos, das farras, do sexo, da chapação na madrugada. O mundão é um montão coisa. Da "tentação" em permanecer "correto" e se ter uma "vida livre" da "dívida legal" (um termo que se parece vago e sem sentido para a maioria), alguma busca por qualquer tipo de estabilidade em conformidade com o mundo moral e as contingências do real, do desejo e o devir-mundão. Contudo, se por um lado os centros socioeducativos ainda parecem buscar algum tipo de atitude reformadora; por outro, essas não implicam no apagamento das experiências vividas e construídas, e nem garantem uma transformação dos modos de representação direcionados aos jovens egressos desse sistema. O conflito social que encaram diz respeito a que tipos de enquadramentos eles estão sujeitos na constituição do tecido social, sob quais forças suas vidas estão sendo esmagadas. O mundão é de onde elas vieram e para onde partirão quando cumprirem a sentença ou completarem 21 anos – o que vier antes. Ao sair, as meninas retornam à "vida social" sem manchas institucionais desse passado em seus currículos ou fichas criminais, embora a herança socioafetiva seja indelével, espelha a partir do que me contam.

Broide e Broide (2020, p. 14) lançam mão de estratégias para "o enfrentamento às fragilidades decorrentes da extrema violência vivida". Entre elas, consta propor espaços em que esses jovens possam falar e ser escutados: "as breves narrativas, ao serem retiradas da invisibilidade, e do silêncio, são capazes de incitar a reflexão acerca das razões de seu sufocamento, tornando-se, então, uma ação política e subjetiva de grande magnitude" (Broide; Broide, 2015, p.15).

Os autores apostam, assim, em atividades grupais, uma vez que possibilitam a mudança de um "circuito cristalizado e fixado da identificação imaginária e doentia do inexorável destino à reinvenção do presente" (Broide; Broide, 2015, p. 24). "Trata-se de um trabalho que finca suas bases na reconstituição do laço social norteador do funcionamento do campo social" (Rosa, 2015, p. 34), apostando, assim, na possibilidade de um outro lugar para o sujeito no âmbito coletivo, no qual o

discurso violento que se apresenta como simbólico seja transformado, permitindo que o sujeito atribua valor e sentido à sua experiência.

Assim, a possibilidade de produzir narrativas, de falar de si, de sua realidade e do seu contexto para um outro que o escuta e para o “mundão” condiz com a possibilidade de produzir novas simbolizações e vislumbrar um novo lugar no campo social.

Cartas ao mundão

O Cartas ao Mundão é um dos 25 projetos selecionados pelo segundo edital público do Inventar com a Diferença (Pipano, 2019). Foi visto com Cézar Migliorin e colaboradores (2015), no material de apoio do projeto, que o Inventar com a Diferença é um projeto elaborado pelo Departamento de Cinema da Universidade Federal Fluminense (UFF) em parceria com a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. O projeto visa a compartilhar saberes e práticas para todos aqueles interessados em trabalhar com cinema e os direitos humanos na educação, mesmo que não tenham qualquer experiência com as técnicas cinematográficas ou mesmo com a linguagem audiovisual.

Assim, os exercícios desenvolvidos no projeto Cartas ao Mundão foram baseados em metodologias e dispositivos criados pelo Inventar com a Diferença. De acordo com um material de divulgação e apresentação do Cartas ao Mundão, ele caracteriza-se como um projeto de formação que oferece uma experiência “prática com cinema, por meio de exercícios, reflexões e debates que aproximam os estudantes de uma produção colaborativa”. A mesma fonte expõe que o projeto visa a “reafirmar o adolescente em conflito com a lei como protagonista, como sujeito capaz de reconhecer e se impor em seu lugar de fala”. A proposta do Cartas ao Mundão é mediar uma vivência no viés da ressocialização que não provoque apenas o “estímulo à criticidade e ao engajamento da prática transformadora, mas possa também disparar novas narrativas, propostas pelos próprios alunos e alunas”.

Como foi visto, essas oficinas trabalharam com a produção de filmes-cartas. Na perspectiva de Migliorin (2014), pode-se compreender que o filme-carta propõe um diálogo “entre dimensões subjetivas e objetivas da imagem, da reflexividade intrínseca à carta, demandando uma relação direta dos cineastas com as imagens, além da liberdade de lidar com materiais heterogêneos e incorporar fluxos de imagens e consciência” (Migliorin, 2014, p. 10).

O autor demonstra que o filme-carta permite uma construção pedagógica, uma vez que convoca os estudantes a um desafio de ocuparem um lugar parcial frente à realidade. Além disso, é um estilo que concilia “uma multiplicidade de possibilidades e decisões de realização que aproximam os estudantes da singularidade da imagem e da necessidade de um ponto de vista, de um recorte e de uma montagem do

mundo” (Migliorin, 2014, p. 11). Como sugere o autor, é uma maneira de enxergar e inventar o mundo.

Outra característica do filme-carta é seu endereçamento a um outro. Contudo, Migliorin (2014) sinaliza que, ao mesmo tempo que se elege um receptor, construindo uma interação entre duas pessoas – quem escreve e quem recebe a carta –, trata-se de um filme, entregue a uma pluralidade de destinatários que o cinema eventualmente dispõe. De qualquer modo, no filme-carta, o espectador/destinatário é uma presença em todo o processo de produção, “o que frequentemente traz um engajamento mais intenso dos estudantes com as imagens produzidas” (Migliorin, 2014, p.12). Assim, salienta o autor, trata-se de uma relação direta de um sujeito, de um grupo, com um outro e não apenas de um exercício.

Em vista disso, os filmes-cartas analisados e investigados neste trabalho apresentam-se como insurgências e como forma de os jovens, envolvidos com as oficinas, identificarem e expressarem as violências às quais são submetidos, possibilitando “modos de resistência à instrumentalização social do gozo e à manipulação da vida e da morte no campo social” (Rosa, 2015, p. 12). Essas produções são, ainda, uma intervenção que pode “criar condições de alterações do campo simbólico/imaginário – subjetivo, social e político” (Rosa, 2015, p. 12). O sujeito aparece na medida em que “o singular de seu desejo escapa de uma conjuntura que busca determiná-lo e exercer seu poder no escuro das relações” (Rosa, 2015, p. 7). Dessa maneira, as oficinas e os filmes estudados configuram um movimento de reapropriação singular e coletiva da potência de criação que, para Rolnik (2016), só se efetua ao incidir sobre as ações do desejo.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 1997, n. 5-6, p. 25-36. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24781997000200004&script=sci_abstract Acesso em: 24 mai. 2024.
- BARROS, J. P. P; ACIOLY, L. F.; RIBEIRO, J. A. D. Retratos da juventude na cidade de Fortaleza: direitos humanos e intervenções micropolíticas. *Rev. Psicol.*, v. 7, n. 1, p. 115-128, jul.-dez. 2016.
- BENTES, I. Deslocamentos subjetivos e reservas de mundo. In: MIGLIORIN, C. *Ensaio no real: o documentário brasileiro hoje*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2010.
- BUTLER, J. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- BROIDE, J.; BROIDE, E. E. *A psicanálise em situações sociais críticas: metodologia clínica e intervenção*. São Paulo: Escuta, 2020.

- CENIP RECIFE. *Um filme-carta para as nossas mães*. Filme-carta. Recife: Cartas ao mundo, 2017. 1 vídeo (3 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Uz1aR8aerJs>. Acesso em: 10 ago. 2017.
- DIÓGENES, G. Diagramas da juventude contemporânea: artes e astúcias de reinvenção da cidade. In: BITTENCOURT, J. B. M. *Juventudes contemporâneas: desafios e expectativas em transformação*. Rio de Janeiro: Telha, 2020. p. 35-57.
- DPES – Defensoria Pública do Espírito Santo. Brasil registra queda no número de adolescentes e jovens internados nas unidades socioeducativas. *Comunicação DPES*. 5 jul. 2022. Disponível em: defensoria.es.def.br/brasil-registra-queda-no-numero-de-adolescentes-e-jovens-internados-nas-unidades-socioeducativas/#:~:text=O%20número%20de%20adolescentes%20e,Pública%202022%2C%20divulgado%20esta%20semana. Acesso em: 05 jul. 2022.
- ESCOLA ESTADUAL CARLOS ALBERTO GONÇALVES DE ALMEIDA; CASE SANTA LUZIA. *Só um alô pro mundo*. Filme-carta. Recife: Cartas ao mundo, 2017. 1 vídeo (9 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=osuvGgu9Zto&t=206s>. Acesso em: 10 ago. 2017.
- ESCOLA ESTADUAL LUÍSA GUERRA; CASE CABO DE SANTO AGOSTINHO. *Viajei num navio coberto de grades à procura de uma ilha chamada Liberdade*. Filme-carta. Recife: Cartas ao mundo, 2017. 1 vídeo (3 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RtdXUzpN54I>. Acesso em: 10 set. 2017.
- ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA AMÉLIA COUTO/CASE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO. *De: Case Pacas Para: meninas de Santa Luzia*. Filme-carta. Recife: Cartas ao mundo, 2017. 1 vídeo (3 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-3gYOzeaUs4M>. Acesso em: 10 ago. 2017.
- IMBRIZI, J. M. *et al.* O projeto de extensão “escuta clínico-política de sujeitos em situações sociais críticas” e a roda de conversa sobre cultura hip-hop. In: MOREIRA, J. O. (org.). *Juventudes e contemporaneidade: reflexões e intervenções*. 1. ed. Santa Cruz do Sul: Edu-nisc, 2020. p. 9-18.
- MEDEIROS, R. M. O. *Partida, deslocamento e exílio*. Escrever com a imagem o processo de subjetivação e estética em filmes-carta. 2012. 171 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- MIGLIORIN, C. *Ensaio no real*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2010.
- MIGLIORIN, C. O ensino de cinema e a experiência do filme-carta. *E-Compós*, n. 17, vol. 1, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.30962/ec.1045>. Acesso em: 29 jun. 2024.
- MIGLIORIN, C. *Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2015.

- MIGLIORIN, C. *et al.* *Inventar com a diferença: cinema e direitos humanos*. Niterói: Editora da UFF, 2014. Disponível em: https://www.corais.org/sites/default/files/inventar_com_a_diferenca_20140514.pdf. Acesso em: 22 fev. 2015.
- MIGLIORIN, C. Cinema e clínica: notas com uma prática. *Revista Metamorfose*, v. 4, n. 4, p. 31-46, jun. 2020.
- NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. São Paulo: Papirus Editora, 2020.
- OLIVEIRA, A. S. O evangelho marginal dos Racionais Mc's. In: *Racionais MC's: sobrevivendo no inferno*. São Paulo: Cia das Letras, 2018.
- PIPANO, I. *Isso que não se vê: pistas para uma pedagogia da imagem*. 2019. 340 f. Tese (Doutorado) – Curso de Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Instituto de Artes e Comunicação Social, Niterói, RJ, 2019.
- ROLNIK, S. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. *Cultura e subjetividade: saberes nômades*. Campinas: Papirus, 1997.
- ROLNIK, S. *Esferas da insurreição*. São Paulo: N1 Edições, 2018.
- ROLNIK, S. “É preciso fazer um trabalho de descolonização do desejo”. Entrevista com Suely Rolnik. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591109-e-precisofazer-um-trabalho-de-descolonizacao-do-desejo-entrevista-com-suely-rolnik>. Acesso em: 27 jul. 2019.
- ROSA, M. D. *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2015.
- ROSA, M. D.; VICENTIN, M. C. Os intratáveis: o exílio do adolescente do laço social pelas noções de periculosidade e irrecuperabilidade. *Revista Psicologia Política*, v. 10, n. 19, p. 107-124, 2010.